

Quando começou, realmente, a expansão guarani em direção às Serras Andinas Orientais?

*Martti Pärssinen*¹

Traduzido do original em inglês:

"When did the Guarani expansion toward the Andean foothills begin?", publicado em "Western Amazonia – Amazônia Ocidental. Multidisciplinary Studies on Ancient Expansionist Movements, Fortifications and Sedentary Life", editado por Martti Pärssinen & Antti Korpisaari. Renvall Institute for Area and Cultural Studies. University of Helsinki, 2003:73-95.

Tradução de Tayane Gama² e Denise Pahl Schaan³

Resumo

O artigo discute e põe à prova a idéia corrente de que os guaranis não teriam penetrado a área de fronteira Inca, na Bolívia, antes dos séculos XV ou XVI. Examinando a documentação histórica e baseado em datações radiocarbônicas obtidas em sítios na Bolívia oriental, com presença de cerâmica corrugada e unglulada, o autor conclui que os primeiros grupos guaranis teriam entrado na atual Bolívia mais de mil anos antes do estimado.

Palavras-chave: Guarani, Migração, Império Inca, Cerâmica corrugada.

Abstract

The article discusses and tests the unquestioned theory that the guarani did not enter the Inca frontiers, in Bolívia, before the 15th or 16th centuries. Examining the historical documentation and based on radiocarbon dates obtained in eastern Bolivian sites presenting corrugated and nail-marked ceramics, the author concludes that the first guarani groups might have entered the present-

¹ Diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos, Universidade de Helsinque, Finlândia. E-mail: mhparssi@mappi.helsinki.fi.

² Aluna do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Bolsista PIBIC-CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: taygama@ufpa.br

³ Pesquisadora do CNPq, Professora do Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Pará. E-mail: denise@marajoara.com.

day Bolivia more than a thousand years earlier.

Keywords: Guarani, Migration, Inca empire, Corrugated ceramics.

Introdução

Em 1917 o etnógrafo sueco-finlandês Erland Nordenskiöld (1917:103-121) escreveu sobre uma migração histórica guarani (chiriguano)¹ até as fronteiras incaicas. Essa migração teria acontecido por volta de 1520, sendo acompanhada pelo aventureiro português Alejo Garcia. Depois que Nordenskiöld publicou as evidências em seu famoso artigo "A invasão guarani do império Inca no século XVI: uma migração indígena histórica", alguns estudiosos levantaram a possibilidade de que certos grupos guaranis teriam entrado na área fronteiriça Inca, na atual Bolívia, já em tempos de Topa Inca, no século XV (Means, 1917:482-484; Pärssinen, 1992:132; Renard-Casevitz et al. 1986:122). Contrariando essas posições, se tem mantido vigente a idéia de que os ameríndios pertencentes aos grupos lingüísticos tupi-guarani não teriam penetrado nesta zona das encostas andinas antes do século XV ou XVI (Hidalgo, 1984:110; Metraux, 1948a:75, 1948c:465; Moreno, 1979:59-60; Parejas Pifarré, 1989:27; Saeger, 1999:266). No presente artigo esta visão é questionada e testada. Evidências arqueológicas indicam que os primeiros grupos guaranis teriam entrado na atual Bolívia mais de mil anos antes do estimado.

Evidências etno-históricas de migrações guarani em direção aos Andes bolivianos

Não há dúvida de que uma significativa migração guarani em direção ao estado Inca estava em curso durante o

reinado de Huayna Capac (cerca de 1493-1528). Um relatório de Diego Felipe Alcaya ([1605]1906:124-144) oferece uma descrição bastante detalhada do ataque guarani às instalações militares incas em Samaipata e Saipury, por exemplo. Além disso, incursões guaranis dentro da área de Tarija, e inclusive nas planícies da bacia dos rios Madre de Díos e Beni, se encontram bem documentadas nas primeiras fontes coloniais (ver, por exemplo, Alvarez Maldonado, [1570a] 1906:250; Lizárraga, [1605]1987:234-239). Além disso, identificamos recentemente a fortaleza inca de Cuzcotoro em Abra de Machachi, a qual foi atacada pelos guaranis por volta de 1520, exatamente como argumentado por Nordenskiöld e em concordância com a história inca escrita por Sarmiento de Gamboa em 1572. Nossas observações arqueológicas confirmaram o relato de Sarmiento ([1572]1943:248-249) de que a fortaleza foi ocupada durante um breve período pelos invasores guaranis e que foi reconstruída depois daquele primeiro ataque devastador. Parece que também os espanhóis usaram a fortaleza por um curto período (Pärssinen & Siiriäinen, 1998:153). Estas descobertas estão de acordo com a informação de Jaime Mendoza (1937:97-111), segundo o qual Andrés Manso fundou, por volta do ano de 1560, La Barranca, Cuzcotoro e Nueva Rioja como novos assentamentos espanhóis. Em todo o caso, esses locais foram abandonados pouco tempo depois, em consequência da morte dos colonos europeus por causa das repetidas hostilidades guaranis.

A origem dos guaranis é geralmente colocada no território que hoje é o Brasil, onde ainda vivem muitas tribos da família tupi-guarani. Dessas, a mais conhecida é a nação dos tupinambás, que vivia na zona costeira brasileira (Fig. 01). Durante o período histórico em questão, o atual território paraguaio também foi densamente povoado pelos guaranis. De fato, se sabe que sua expansão alcançou, já pelo ano de 1526, a área do rio

da Prata, onde Sebastian Cabot, um navegador e cartógrafo de origem vietnamita, encontrou alguns deles em ilhas do rio Paraná (Julien, 1997:25; Metraux, 1948a:69,76; sobre a historiografia das teorias da origem dos tupi-guarani ver Noelli, 1998:648-655). Ao norte, segundo Polo de Ondegardo (citado por Julien, 1997:50), alguns grupos da família tupi-guarani se aproximaram das fronteiras dos Chachapoya no norte do Peru. Além disso, sabemos que no século XVI, tanto no baixo rio Ucayali, como ao longo das margens do rio Marañon, coexistiram dois grandes grupos ameríndios chamados Omágua e Cocama, classificados dentro da família lingüística tupi (Taylor, 1999:205).

No nordeste da Bolívia, as tribos guaranis eram chamadas Guarayo, e no sudeste eram conhecidas pelo nome quéchua de "chiriguano" (chiri=frio, guano=esterco). Também é fato conhecido que no início do período colonial os chiriguanos habitaram as encostas andinas, junto com os índios chanés, mais populosos e subordinados aos guaranis, a quem consideravam seus senhores. Entretanto, mesmo que os chanés fossem considerados servos, escravos e objeto de canibalismo cerimonial nos rituais chiriguanos, algum tipo de balanço político era obtido através de relações matrimoniais intertribais: muitos homens chiriguanos tinham mães chanés (Metraux, 1948c:467,481). Acredita-se que os chanés pertenciam lingüisticamente ao grupo Arawak (Hidalgo, 1994:108), mas, atualmente, após contínuos processos de aculturação, a língua original praticamente desapareceu.

Em recente artigo, Catherine Julien demonstrou que chiriguano foi um termo genérico para designar os grupos falantes guarani das encostas orientais bolivianas. Mas de fato, segundo Julien, não há evidências suficientes que comprovem a existência de fortes laços históricos ou políticos entre estes grupos e os guaranis do Gran Chaco do Paraguai ou

Itatín (um assentamento espanhol no rio Iguazu), situado na fronteira entre Brasil e Bolívia. Julien (1997:17-76) também aponta que grupos muito diferentes de agricultores, caçadores e pescadores, muitos dos quais mantiveram relações hostis entre si, podem ter sido considerados como fazendo parte de um mesmo grupo. Esta observação é de grande importância e pode ser relacionada com uma antiga discussão sobre o significado de "uru" e seu vínculo com os idiomas uru-chipaya, uruquilla e puquina das serras andinas descritos em antigos documentos coloniais (conforme Bouysse-Casagne, 1975, 1987; Browman, 1994; Julien, 1987, 2000; Torero, 1987). Parece que a designação "uru" foi uma categoria genérica e multidimensional, referida aos povos que viviam próximos de lagos e rios e praticavam a agricultura, pesca ou caça, e que falavam línguas distintas das utilizadas pelos povos dominantes aymará e quechua. O mesmo pode ser válido para os recém-chegados às encostas andinas, os chiriguanos, que foram vistos como um povo belicoso e muito diferente, em comparação ao caráter sedentário dos chanés. Inclusive podemos perguntar se a dicotomia chiriguano versus chané não seria também demasiado simplista em muitos outros aspectos. Por exemplo, os lingüistas têm notado que certo número de grupos falantes mataco vivia no limite sul do território chiriguano (Mason, 1950:202-204; Saeger, 1999:258). Também é significativo que no ano de 1563, na concessão de uma *encomienda* outorgada por Andrés Manso na presente área de Monteagudo, entre Changuri (Guapay) e a bacia do rio Pilcomayo, quatro diferentes grupos lingüísticos já eram mencionados: copores, comiches, chanés e chiriguanos (Manso 1563a:fl.652r; anexo 1). E mais, durante o período Inca, a porção ocidental da mesma área era conhecida como Moyos Moyos, para onde os governantes Incas haviam transplantado muitos grupos *mitima*, cuja missão era colonizar e defender a área de fron-

teira. Entretanto, quando o suporte logístico inca foi interrompido pela conquista espanhola, muitos destes *mitima* escaparam para as terras altas, as quais ofereciam maior segurança. Por exemplo, Mercedes del Rio e Ana Maria Presta (1984:239-243; ver também Barragán, 1994:103) documentaram alguns desses grupos étnicos, que incluem os moyos, sueres, lacaxes e churumatas, pelo menos. Tudo isso permite presumir que, durante o período Inca, a área de fronteira foi extremamente multiétnica.

Além disso, tem-se em nota o fato que um chefe inca de Samaipata (talvez descendente local de um governador inca de Cuzco), chamado Guacané, fez uma aliança com alguns senhores locais. Um destes senhores, segundo se diz, respondia pelo nome de Vitupue (Pärssinen, 1992:132, nota 240; Alcaya [cerca de 1605]1906:126). Em algumas concessões de *encomienda* outorgadas por Andrés Manso, nota-se que os guacanés estão associados com os índios chanés (Manso, 1563b, 1563c, anexos 2 e 3). Não obstante, por outras fontes sabemos que Vitupue, com quem Guacané tinha uma aliança, foi provavelmente o nome hereditário de um chefe do grupo guarani em Llanos de Grigotá (a atual Santa Cruz). O mesmo grupo, o *parcialidad*, lutou contra os conquistadores espanhóis durante o período colonial, causando a morte de Andrés Manso (Anônimo de Santa Cruz de La Sierra [cerca de 1570] 1885:155; García Recio, 1988:94; Julien, 1997:44-48).

No caso de ser válida, e assim como está descrita, esta situação implicaria que alguns grupos guaranis estavam habitando a área antes das documentadas guerras dos chiriguanos contra o estado inca. De fato, podemos formular a hipótese de que alguns dos muitos grupos lingüísticos desconhecidos que viviam nas encostas andinas orientais podem estar relacionados com alguns dos 41 grupos conhecidos brasileiros de língua tupi-guarani. Além disso, alguns deles podem ter chegado à área antes do registro histó-

rico das ondas de migração chiriguanas. A questão também é metodológica; embora tenhamos evidências históricas da tardia migração chiriguana até o Tawantinsuyu e o Peru colonial, isto não nos autoriza a crer que as migrações observadas historicamente foram as únicas que em verdade aconteceram. Igualmente, estas podem ter sido parte de um longo processo de migrações sucessivas ou de expansão mais contínua, desde o sul do Brasil ou Paraguai, que pode ter começado bem antes dos registros históricos conhecidos.

Embora para provar esta hipótese não me seja possível usar muita evidência lingüística, devido, em primeiro lugar, à falta de rigorosos estudos lingüísticos na área em questão, apresentarei alguns resultados preliminares da pesquisa que efetuei em conjunto com Juan Faldín (arqueólogo da UNAR, La Paz), na antiga área de fronteira do Tawantinsuyu (na Bolívia, em 1994). Em seguida me concentrarei especialmente nas evidências proporcionadas pelo material cerâmico corrugado e unglado.

Corrugado: tradição cerâmica das culturas de floresta tropical pertencentes aos tupi-guaranis

Não é uma tarefa simples estabelecer uma relação entre determinados grupos lingüísticos e certos motivos e elementos técnico-estilísticos da cerâmica, pois facilmente estes podem ter sido tomados emprestados e adaptados por outras culturas e grupos lingüísticos. Não obstante, a distribuição geral das chamadas cerâmicas corrugadas e ungladas com tempero de cacos moídos parece corresponder bastante bem com a evidência lingüística e histórica dos assentamentos tupi-guaranis do século XVI e sua tradição de urnas funerárias (Lathrap et al., 1987; Lothrop, 1932;

Meggers e Evans, 1983; Metraux, 1948a, 1948b, 1948c; Myers, 1988). Embora certamente tenha ocorrido algum empréstimo deste tipo (ver, por exemplo, Neves, 1999:227-230), o aparecimento deste tipo de cerâmica pode de fato ser relacionado com os movimentos das tribos tupi-guaranis (ver também Meyers, 1998:70; Nordenskiöld, 1913:205-255; Rydén, 1956:121).

Em geral cerâmica corrugada parece ter estado presente entre as tradições Taquara e Una, na costa sul do Brasil, no começo da era cristã (Meggers e Evans, 1983:313-314). No entanto, o estilo foi mais completamente desenvolvido pelos tupi-guaranis. De acordo a atual cronologia radiocarbônica, o estilo se difundiu junto com expansão guarani, provavelmente desde o Amazonas central subindo o Madeira ou o Guaporé, e descendo depois o rio Paraguai, entre 1 d.C. e 500 d.C. O estilo parece ter aparecido também no médio Ucayali, aproximadamente por volta de 700 d.C. (Lathrap et al., 1987:225-71; Myers, 1988:64,71; Noelli, 1998:655-656; ver também Meggers e Evans, 1983:317). Sabe-se também que as poucas datações radiocarbônicas disponíveis para a Argentina, Uruguai e Paraguai são todas posteriores ao século X (Noelli, 1998:656). Em particular, considera-se que a aparição da cerâmica corrugada no Uruguai e no rio da Prata são muito tardias, posteriores ao século XIV (Ottonelli e Lorandi, 1987:104), enquanto que no noroeste da Argentina pode ter aparecido muito antes (José A. Perez Gollán, com. pessoal, 2001). O estilo cerâmico nas encostas andinas no oriente da Bolívia foi datado por volta de 1500 d.C., mediante a analogia de registros históricos.

Novas evidências arqueológicas da Bolívia Oriental

Durante dois períodos de campo, em 1993 e 1994, nossa equipe finlandesa-

boliviana localizou mais de uma centena de sítios arqueológicos no Departamento de Chuquisaca, na área compreendida entre Piocera (próximo a Ravelo, o antigo Moro Moro), a oeste, e Monteagudo e Ingre, a leste. O principal objetivo era localizar os velhos assentamentos de Yampará mencionados em alguns documentos coloniais antigos, incluindo aquelas fortalezas orientais que receberam suporte logístico da área de Yampará (Pärssinen, 1997). Naquela ocasião, percorremos mais de dez mil quilômetros em veículos 4X4 e fizemos cerca de mil quilômetros à pé.

Durante a pesquisa de campo, a cerâmica corrugada só foi encontrada na parte oriental da área prospectada, em San Pedro, assim como na zona de Monteagudo-Ingre nos rios Bañado e Anaguasu. Por outro lado, a cerâmica unglada foi mais rara, estando restrita a um sítio próximo de San Pedro, assim como a Cuzcutoro, uma fortaleza inca atacada e destruída pelos chiriguanos no começo do século XVI. A análise da cerâmica unglada recolhida em Cuzcutoro foi publicada anteriormente (Pärssinen & Siiriäinen, 1998) e neste artigo nos concentraremos somente no material cerâmico das áreas de San Pedro e Monteagudo-Ingre (Fig. 02).

A zona de San Pedro

Nossa prospecção foi conduzida entre as vilas de Sopachuy e Azurduy (antiga Pomabamba), entre 5 e 8 de julho de 1994. No total, localizamos 12 sítios, dos quais três continham cerâmica corrugada. Esses três sítios estão localizados próximos da atual cidade de San Pedro e cobrem de 1 a 1,5 hectares. Sem fazer escavações, encontramos durante a amostragem alguns fragmentos de vasos, vasilhas abertas, assim como alguns fundos de copos toscos e pratos ovais. Nesses sítios achamos não só cerâmica corrugada como também abundante cerâmica pintada de vermelho ou vermelho escuro sobre engobo

marrom avermelhado ou amarelado. Também era bastante comum o engobo sobre superfície mal-acabada (chamado "revoque"). Observaram-se também algumas vasilhas com serpentes ponteadas e apliques de mamilos em um sítio chamado Cruz Punta de Tarea Pampa, situado a 4,5km ao sul de San Pedro (Fig. 03). Em Placitu Mayu de San Pedro, a 1km ao sul de San Pedro encontramos cerâmica corrugada e pintada (Fig. 04) junto a uns poucos fragmentos incisos e ponteados, além de fragmentos impressos com tecidos.

Um pedaço de uma vasilha de Cruz Punta, decorada com uma serpente ponteadas, assim como um fragmento corrugado com marcas de polegar, de Placitu Mayu, foram analisados posteriormente por Piia Ruuttu, na Universidade de Helsinki, usando o método PW1877 (Automated Powder Diffraction). O fragmento procedente de Cruz Punta, de cor marrom amarelado (10YR6/4), continha quartzo, ortocase, mica, cálcio e hematita, enquanto que o fragmento proveniente de Placitu Mayu, de cor marrom (10YR5/3), carbonizado, corrugado, marcado com polegar e unglado (Fig. 05), continha quartzo, mica, cálcio e plagiocase, sem composição clara de ortocase e hematita. A pasta desta última amostra mostrava tempero de caco moído.

Para a datação radiocarbônica, recolhemos em Placitu Mayu um fragmento de crânio humano, o qual se encontrava debaixo de um prato oval (Fig. 06); o prato havia sido posto invertido cobrindo o esqueleto, entre algumas pedras de ardósia. Curiosamente, este prato oval apresenta algumas marcas interiores de pintura vermelha que lembram aquelas marcas observadas nas vasilhas tupinambás da costa brasileira (Metraux, 1948b:110). Além disso, o enterramento estava associado claramente com a cerâmica corrugada encontrada no mesmo sítio, localizado na ladeira erodida da colina em frente ao rio Milanis. A mostra óssea foi datada por AMS no Laboratório

Svedberg em Uppsala, Suécia. Uma meia-vida de 5568 anos foi empregada, e o resultado foi corrigido para corresponder ao valor $\delta^{13}\text{C}$ de -25‰ comparado com PDB. A amostra (Ua - 10238) deu um resultado de 1675 ± 80 AP que corresponde, ao usar o método A, aos anos calibrados 232 (412) 599 d.C., a um nível de confiabilidade de 95% (2 sigma), levando em conta a dedução de 24 anos recomendada para as datações provenientes do hemisfério sul (Stuiver et al., 1998:1041-1083; Stuiver e Reimer, 1993: 215-230).

A zona de Monteagudo e Ingre

A rápida prospecção na área Monteagudo-Ingre foi conduzida entre 16 e 21 de julho de 1994. No total, nove sítios foram localizados. Todos eles eram muito pequenos, medindo cerca de um hectare. Somente o sítio chamado Ivi Gwasu, em Ingre, assim como a fortaleza inca de Iñau, eram assentamentos um pouco maiores. Seis dos sítios continham vasos e tigelas corrugados e vasilhas engobadas. Em Atolladar e La Lagunita, vasilhas corrugadas eram usadas como urnas funerárias duplas, uma vasilha dentro da outra, enquanto que uma terceira era colocada invertida, como uma tampa, sobre as primeiras. Também os outros sítios na área, exceto a fortaleza inca de Iñau (ver Pärssinen e Siiriäinen, 1998: 157-158), tinham material cerâmico (engobado e/ou escovado) com tempero de cacos moídos, associado com a cerâmica corrugada. Normalmente as cores da cerâmica variavam do cinza ao marrom com diferentes tonalidades, mas também eram muito comuns os fragmentos pintados de vermelho ou marrom avermelhado. Em Angoaguasu foi escavada uma tigela aberta pintada com um motivo geométrico preto sobre pasta cinza clara.

Três amostras de cerâmica com tempero de cacos moídos foram analisadas pelo método PW1877 (Automated Pow-

der Diffraction). Estas amostras eram: (1) um fragmento corrugado marrom (10YR5/3) de Yajo Pampa de Cerrillos; (2) um fragmento corrugado marrom acinzentado (10YR5/2) de Lagunita de Ingre; e (3) um fragmento escovado marrom pálido (10Y/R6/3) de Cumandaiti de Ingre. Todos continham quartzo, ortocase, mica e cálcio, sendo que as duas primeiras amostras continham hematita.

Para a datação radiocarbônica usamos pequenos ossos encontrados no fundo da tigela recuperada em Angoaguasu. A cerâmica foi encontrada num terreno aberto de propriedade do Sr. Alejandro Abraham. Também deste mesmo sítio coletamos cerâmica engobada, assim como várias lâminas de machados de pedra polida. A amostra osteológica (Ua-10240) forneceu uma data convencional de 1680+ 90 AP, depois de efetuar uma correção equivalente a $\delta^{13}C = -25\text{‰}$ relativo ao PDB padrão. Isto corresponde, ao usar o método A, aos anos calibrados de 135(409)602 d.C., com 95,5% (2 sigma) de nível de confiança, e levando em conta a dedução de 24 anos recomendada para as datações provenientes do hemisfério sul (Stuiver et al., 1998:1041-1083; Stuiver & Reimer, 1993: 215-230). Outra datação radiocarbônica foi obtida de uma urna funerária escovada, carbonizada, encontrada em um corte de estrada em Cumandaiti de Ingre. A amostra (Ua-10239) foi tomada diretamente das cerâmicas carbonizadas, fornecendo uma data convencional de 195±70 AP ($\delta^{13}C$ valor de -9,42‰ comparado com PDB), correspondente aos anos calibrados 1530 d.C. (1676, 1765, 1767, 1776, 1802, 1939, 1946) 1954 d.C. (2 sigma).

Conclusões

Cerâmica corrugada com tempero de cacos moídos, urnas duplas e urnas usadas para cobrir esqueletos são marcas da tradição da cultura de floresta tropical, e especialmente da tradição cultu-

ral guarani (Bennett, 1936:406-408; Nordenskiöld, 1913:205-255, 1915:64-65; Rydén, 1956:121). Em nossa área de estudo, as vasilhas pintadas de vermelho, assim como as urnas toscas engobadas e escovadas, se encontram associadas também com esta tradição, embora sua origem permaneça incerta. Não obstante, as três datações radiocarbônicas obtidas dos sepultamentos funerários encontrados nos sítios da floresta andina oriental, indicam uma tradição surpreendentemente longa, de 400 d.C. até o período republicano. Em particular, a primeira data (232 [412] 599 d.C.) do sepultamento de Placitu Mayu, associado com cerâmica corrugada, nos obriga a reconsiderar a visão anterior acerca de uma tardia migração guarani às encostas andinas da Bolívia.

Estou consciente de que nossa evidência não é definitiva, e de que necessitamos de escavações sistemáticas e datas adicionais dos Andes orientais, para estabelecermos com maior exatidão as supostas conexões entre as vasilhas corrugadas utilizadas como urnas funerárias e os grupos lingüísticos tupi-guaranis, e, em geral, a seqüência cronológica da cerâmica guarani.

A hipótese que nosso estudo se propõe a testar não é nova; segundo W.C. Bennett (1936:408):

...a evidência arqueológica indica que os sítios guaranis não estão somente isolados dos sítios incas, mas como também se encontram estratigraficamente abaixo deles. Além do mais, a distribuição dos tipos guaranis dentro da região noroeste da Argentina indica, inclusive, que uma maior antigüidade pode ser atribuída, no futuro, a esta cultura (...) entretanto, não há, até o momento, evidência positiva alguma nas terras baixas para atribuir grande antigüidade ao material guaraní.

Quando escreveu estas linhas nos anos 1930, Bennett não fazia idéia da recente evidência radiocarbônica e de termoluminescência das primeiras datas da cerâmica tupi-guarani no Brasil e no

médio Ucayali, no Peru. Estas datas oscilam entre os anos 1 d.C. (ou antes inclusive) e 700, e são muito mais antigas do que se imaginava quando Bennett estava escrevendo. Se levarmos isso em consideração, veremos que nossa hipótese e os resultados preliminares do teste parecem alinhar-se bem com a recente evidência brasileira. A cerâmica corrugada pode ter aparecido nas encostas andinas da Bolívia antes do que no Peru, Paraguai, Uruguai e Argentina. Essas datas antigas podem também proporcionar novos insights sobre teorias de contato cultural entre Ucayali e Bolívia oriental, propostas por Lathrap e seus seguidores (Lathrap et al., 1985;1987). Além disso,

nosso caso demonstra o quanto é perigoso o uso acrítico das analogias diretas (ver também Pärssinen e Siiriäinen, 1997). Como Black (1962:223; ver também Charlton, 1981:131) observou: "qualquer uso que se pretenda científico de um modelo análogo demanda confirmação independente. Analogias proporcionam hipóteses plausíveis, não provas".

Em nosso caso, a historicamente demonstrada migração guarani foi usada durante um considerável período de tempo como um modelo para explicar a origem do corrugado e das cerâmicas relacionadas aos guaranis na região. No entanto, ao ser testado, o modelo pareceu ser, no mínimo, duvidoso.

Referências Bibliográficas

- ALCAYA, D. F. (1605) 1906. Relación cierta que el padre Diego Felipe de Alcaya, cura de Mataka, envió à S.E. el Señor Marqués de Montes Claros, Visorrey de estos reynos, sacada de Ia que el Capitán Martín Sánchez de Alcayaga, su padre, dexó. In Maurtua, V. M. (ed.). *Juicio de límites entre el Peru y Bolívia. Prueba peruana presentado por Víctor M. Maurtua*. Tomo IX, Mojos (tomo primero), pp.124-144. Madri, Imprenta de los Hijos de M.G. Hernández.
- ALVAREZ MALDONADO, J. (1570a) 1906. Relación verdadera deI discurso y subceso de Ia jornada y descubrimiento que hizo desde el año 1567 hasta el de 1569. In V. M. Maurtua (ed.). *Juicio de límites entre el Peru y Bolívia. Prueba peruana presentado por Víctor M. Maurtua*. Tomo VI, Gobemaciones de Alvarez Maldonado y Laegui Urquiza, pp.17 -68, Barcelona.
- ANÓNIMO de Santa Cruz de La Sierra (ca.1570) 1885. Relación verdadera del asiento de Santa Cruz de Ia Sierra, límites y comarcas della, Rio de Ia Plata y el de y Guapay é sierras del Piru en Ias provincias de los Charcas. In Jiménez de Ia Espada, M. (ed.). *Relaciones Geográficas de Indias*, Tomo II, pp. 154-161. Madrid, Ministerio de Fomento.
- BARRAGÁN ROMANO, R. 1994. *Indios de arco y flecha. Entre Ia historia y Ia arqueologia de Ias poblaciones del Norte de Chuquisaca (siglos XV-XVI)*. Sucre, Ediciones ASUR 3.
- BENNETT, W. C. 1936. Excavations in Bolivia. *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History* 35(4):329-507.
- BLACK, M. 1962. *Models and Metaphors: Studies in Language and Philosophy*. Ithaca, Cornell University Press.
- BOUYSSÉ-CASSAGNE, T. 1975. Pertenencia étnica, status econórnico y lenguas en Charcas a fines del siglo XVI. In Cook, N.D. (ed.). *Tasa de Ia visita general de Francisco de Toledo*, pp. 312-328. Lima ,Universidad Nacional Mayor de San Marcos.
- BROWMAN, D. L. 1994. Titicaca Basin archaeolinguistics: Uru, Pukina and Aymara AD 750-1450. *World Archaeology* 26(2):235-251.
- CHARLTON, T. H. 1981. Archaeology, ethohistory, and ethnology: interpretative interfaces. *Advances in Archaeological Method and Theory* Vol. 4:129-176.
- GARCÍA RECIO, J. M. 1988. *Análisis de una sociedade de frontera. Santa Cruz de la Sierra em los siglos XVI y XVII*. Sevilla, Excma. Dibutación Provincial de Sevilla.

- HIDALGO, J. 1985. The Indians of southern South America in the middle of the sixteenth century. In: BETHEL, L. (ed.) *The Cambridge History of Latin America*. Colonial Latin America, 1:91-117. Cambridge, Cambridge University Press.
- JULIEN, C. J. 1987. The Uru tribute category; ethnic boundaries and empire in the Andes. *Proceeding of the American Philosophical Society* 132(1):53-91.
- _____ 1997. Colonial Perspectives on the Chiriguana (1528-1574). In: CIPOLETTI, M.S. (ed.) *Resistencia y adaptación nativas en las tierras bajas latinoamericanas*. Quito, Colección Biblioteca Abya-Yala 35. Ediciones Abya-Yala.
- _____ 2000. El otro sentido de la palabra Aymara durante el incanato. *XIII Reunión Anual de Etnología*. La Paz, Anales de la Reunión Anual de Etnología, MUSEF, I:137-146.
- LATHRAP, D. W.; GEBHART-SAYER, A. & MESTER, A. 1985. The roots of the Shipibo art style: Three waves on Imiriácocha or there were "Incas" before the Incas. *Journal of Latin American Lore*, 11(1):31-119.
- LATHRAP, D. W.; GEBHART-SAYER, A.; MYERS, T. & MESTER, A.M. 1987. Further discussion of the roots of the Shipibo art style: a rejoinder to DeBoer and Raymond. *Journal of Latin American Lore*, 13(2):225-271.
- LIZARRAGA, R. (1605) 1987. Descripción del Perú, Tucumán, Río de la Plata y Chile. In: BALLESTEROS, I. (ed.) *Crónicas de América 37*, Historia 16, Madrid.
- LOTHROP, S. K. 1932. Indians of the Paraná Delta, Argentina. *Annals of the New York Academy of Science*, 32:77-232.
- MANSO, A. 1563a. *Titulo de la encomienda de Andrés Manso a Sancho Verdugo, La Plata 27.IV.1563*. Manuscrito, Escrituras Públicas Vol. 5, Lázaro Aguila, fol. 652. Sucre, Archivo Nacional de Bolivia.
- _____ 1563b. *Titulo de la encomienda de Andrés Manso a Nicolas de Mercado, La Plata 5. V. 1563*. Manuscrito, Escrituras Públicas Vol. 5, Lázaro Aguila, fol. 661. Sucre, Archivo Nacional de Bolivia.
- _____ 1563c. *Titulo de la encomienda de Andrés Manso a Francisco Çebrian de Turegano, La Plata 5.V.1563*. Manuscript, Escrituras Públicas Vol. 5, Lázaro Aguila, fol. 662. Sucre, Archivo Nacional de Bolivia.
- MEANS, P. A. 1917. A note on the guarani Invasions of the Inca empire. *The Geographical Review*, 4(6):482-484.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. 1983. Lowland South America and the Antilles. In: JENNINGS, J.D. (ed.). *Ancient South Americans*, San Francisco, W. H. Freeman and Company, pp. 287-335.
- MENDOZA, J. 1937. *El Chaco en los albores de la conquista*. Sucre: Imprenta Salesiana.
- MÉTRAUX, A. 1948a. The Guarani. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*, Washington D.C., Smithsonian Institution, 3:69-94.
- _____ 1948b. The Tupinambá. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington D.C., Smithsonian Institution, 3:95-133
- _____ 1948c. Tribes of the eastern slopes of the Bolivian Andes. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington D.C., Smithsonian Institution, 3:465-506.
- MEYERS, A. 1998. Las campañas arqueológicas en Sarnaipata, 1994-1996. Segundo informe de Trabajo. *Boletín de la Sociedad de Investigación del Arte Rupestre de Bolivia (SIARB)* 12:59-86.
- MYERS, T. P. 1988. Visión de la prehistoria de la Amazonía superior. *I Seminario de investigaciones sociales en la Amazonia*. Iquitos, CAAP, CETA, CIAAP/UNAP, CIPA, CONCYTEC, IIAP, INC, UNAP, pp. 37-87.
- NEVES, E.G. 1999. Changing perspectives in Amazonian archaeology. In: POLITIS, G. & ALBERTI, B. (eds.) *Archaeology in Latin America*. Londres e Nova York: Routledge, pp. 216-243.
- NOELLI, F. 1998. The tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. *Antiquity*, 72:648-663.
- NORDENSKIÖLD, E. 1913. Urnengräber und Mounds im Bolivianischen Flachlande. *Baessler-Archiv*, Band III:205-255.
- _____ 1915. *Forsningar och äventyr i Sydamerika*. Albert Bonniers Förlag: Stockholm.

Pärssinen, M.

_____. 1917. The guarani invasion of the Inca Empire in the sixteenth century: An historical indian migration. *Geographical Review*. Nova York, American Geographical Society, 9:103-121.

OTTONELLO, M.M. & LORANDI, A.M. 1987. *Introducción a la arqueología y etnología. Diez mil años de historia Argentina*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires.

PÄRSSINEN, M. 1992. *Tawantinsuyu. The Inca state and its political organization*. Helsinki, *Studia Historica* 43, Societas Historica Finlandiae.

_____. 1997. Investigaciones arqueológicas con ayuda de fuentes históricas: Experiencias en Cajamarca, Pacasa y Yampará. In: BOUYSSÉ-CASSAGNE, Y. (Ed.) *Saberes y Memorias en los Andes. In Memoriam Thierry Saignes*. Lima, Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine; Paris Institut Français d'Études Andines, pp. 41-58.

PÄRSSINEN, M. & SIIRIÄINEN, A. 1997. Inka-style ceramics and their chronological relationship to the Inka Expansion in the southern lake Titicaca area (Bolivia). *Latin American Antiquity*, 8(3):255-271.

_____. 1998. Cuzcotoro and the Inka fortification system in Chuquisaca, Bolivia. *Baessler-Archiv, Neue Folge*, Band XLVI:135-164.

PIFARRÉ, F. 1989. Historia de un pueblo. *Guarani-Chiriguano* 2. Cuadernos de Investigación 31. Centro de Investigación Prooiónde Campeindo, La Paz.

PRESTA, A.M. 1995. La población de los valles de Tarija, siglo XVI. Aportes para la solución de un enigma etnohistórico en una frontera incaica. In: PRESTA, A.M. (Ed.) *Espacio, etnias, frontera. atenuaciones políticas en el sur del Tawantinsuyu, siglos XV-XVIII*, Sucre, Peru, Ediciones ASUR 4:235-247.

RENARD-CASEVITZ, F. M.; SAIGNES, T. & TAYLOR-DESCOLA, A.C. 1986. *L 'Inca, l 'espagnol et les sauvages. Rapports entre les sociétés Amazoniennes et Andines du XVe au XVIIe siècle*. Paris: Editions Recherche Sur les Civilisations.

RYDÉN, S. 1956. *The Erland Nordenskiöld archaeological collection from the Mizque Valley. Bolivia*. Göteborg: Etnologiska Studier 22, Etnografiska Museet.

SAEGER, J.S. 1999. Warfare, reorganization, and readaptation at the margins of Spanish rule - The Chaco and Paraguay (1573-1882). In: SALOMON, F. & SCHWARTZ, S.B. (eds.) *The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas. South America*. Cambridge, Cambridge University Press, III(2):257-286.

SARMIENTO DE GAMBOA, P. (1572) 1943. *Historia de los Incas*. In: ROSENBLAT, A (ed.) 2ª edición. Buenos Aires, Emecé.

STUIVER, M. & REIMER, P.J. 1993. Extended 14C data base and revised CALIB 3.0 14C age calibration program. *Radiocarbon* 1993:215-230 (revised CALIB 4.2, 1998-2000).

STUIVER, M.; REIMER, P.J.; BAARD, E.; Beck, J.W.; Burr, G.S.; HUGHEN, K.; KROMER, A.B.; MCCORMAC, F.G.; PLICHT, J. & SPURK, M. 1998. INTCAL98 radiocarbon age calibration 24,000 - 0 cal BP. *Radiocarbon*, 40:1041-1083.

TAYLOR, A.C. 1999. The western margins of Amazonia from the early sixteenth to early nineteenth century. In: SALOMON, F. & SCBWARTZ, S.B. (eds.) *The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas, South America*. Cambridge, Cambridge University Press, III(2):188-256.

TORERO, A. 1987. Lenguas y pueblos altiplánicos en torno al siglo XVI. *Revista Andina* 5(2):329-372.

Quando começou, realmente, a expansão guarani em direção às Serras Andinas Orientais?

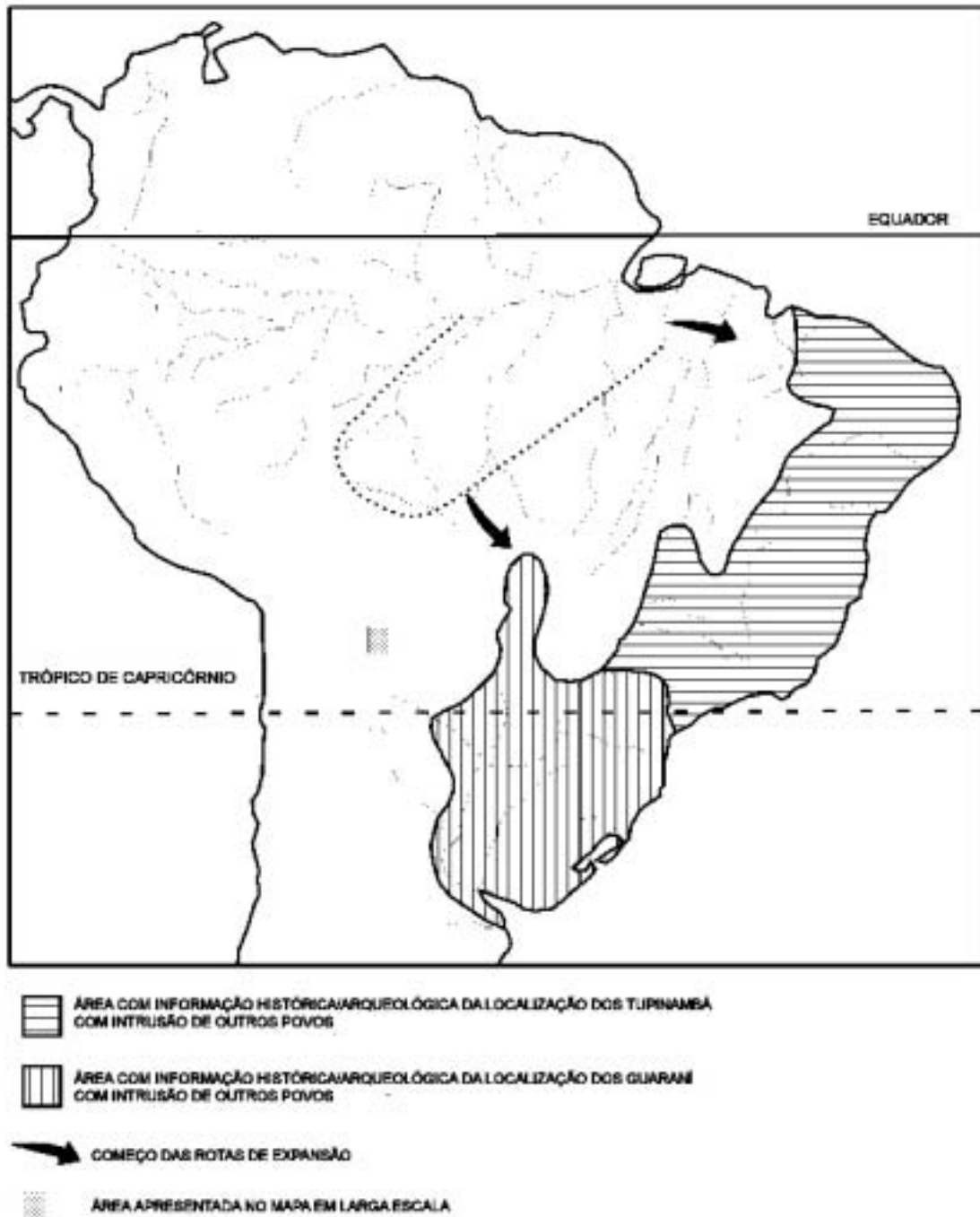


Fig. 01 - Áreas tupinambá e guarani, conforme Noelli, 1998.

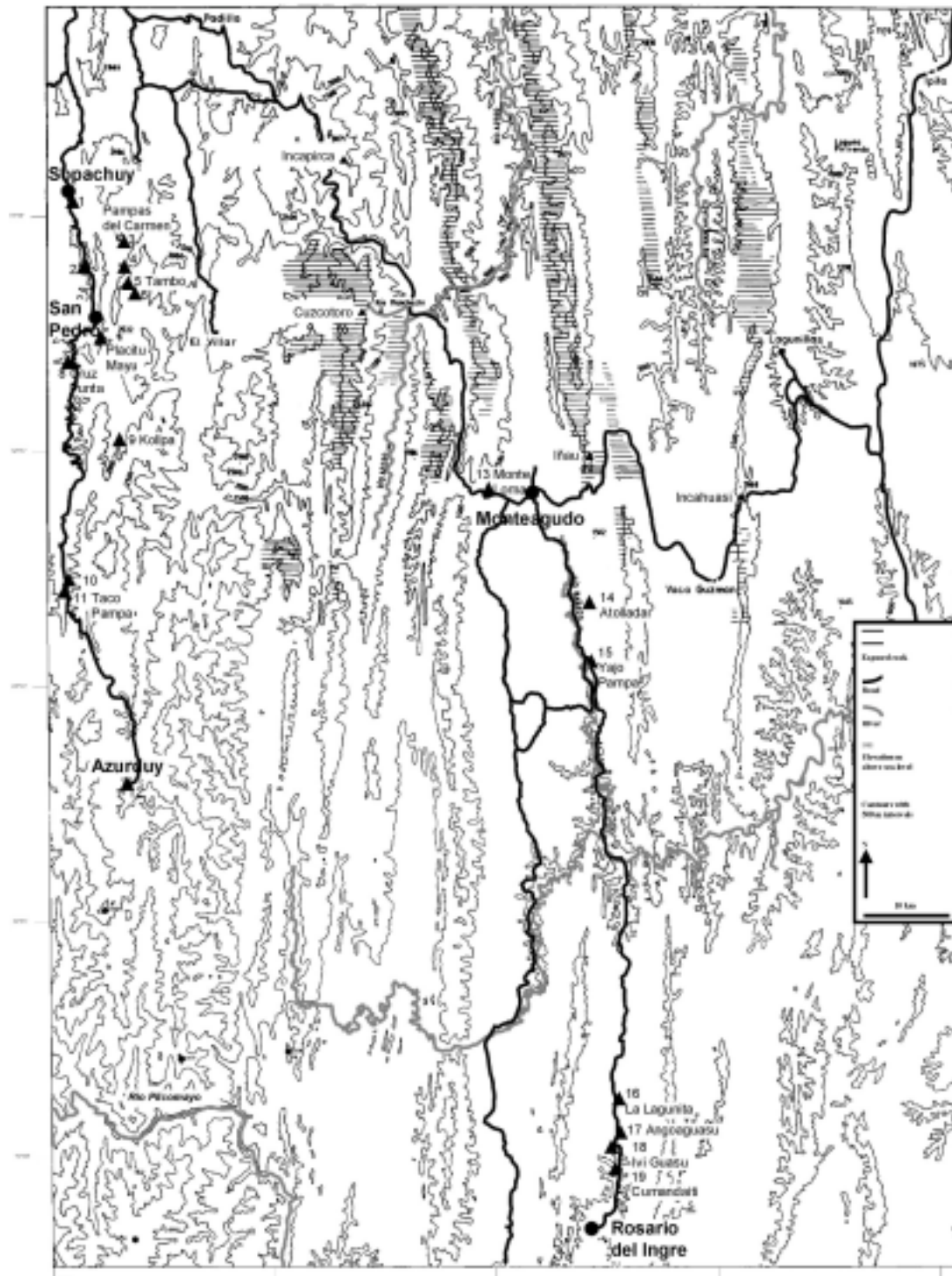


Fig. 02 – Localização dos sítios arqueológicos descobertos em 1993-1994 nas encostas andinas da Bolívia (mapa feito por R. Kesseli e A. Korpisaari).

Quando começou, realmente, a expansão guarani em direção às Serras Andinas Orientais?



Fig. 03 - Cerâmica de Cruz Punta de Tarea Pampa



Fig. 04 - Cerâmica de Placitu Mayu de San Pedro



Fig. 05 - Fragmento de Placitu Mayu, corrugado com marca de polegar



Fig. 06 - Prato oval encontrado invertido sobre um crânio humano em Placitu Mayu

En la villa de San Juan de los Rios de Guzman

Andrés mando capitán general Aljofre mayor de la villa de
 de san to domingo de la nueva España su vez en nos y con qui stase que
 los dos años del co mayo que se por su me ca por quia vos son
 el o de tan go soy ca d allezo y de al go y em en fien en vos to d ad
 cal co ad es q En seme antes de los no fe queren y ad us se en q
 en estos fe y nos del pezu y q los p brianos de que o lio a l e r a n no
 y con qui st de los p in b m a l e s y q de m i c o s o b q seme p a n d o m
 v r i o a r n o y c a b a l e r o a b i n q u i n c o l o r c o n u o l u n t e d e c a b a l e r o
 q d o s a d o y q n o m i s m o e n i d a d o n m i r o a l m p o b r i n s e l o l i
 n o s y e n i l e y o n q u i s t i y p a n q m m u n y a b e y s e r e h o c o m d e l
 y s a n y e o m o l e e l v a s a l l e s d e s u m o e n t o s q a q u e l l o s o a
 d o m a n d a d i z a q u e a b o y q d o a d i c y s s e r e h o a b i n s p r i n o
 f a c o n m l y o l a d a d e s e m o n t e s e r e h o y g a n d o s q d o s t a
 c o n q u i s t a m e y s t e s y d e q u i e s s a l i s t a a c t a p o b r i n s e l o s q u e a
 a c o s a o y n e g o q u o t o c a n t a l e s p n t o e r a y q n q u i s t a y o l l e s i
 q n o s g e n t e q n o d o s n y m e y s t e s m l y o s i o l m a s o u h a n
 c o n q u i s t a q u e p a n q m m u n y p l o s a n n q u i s t a d e b e y s e r e h o
 s u o p m i t a l e h a p a l e a r i a q u e l a n o b a p l o m i n y p n m a n d o l e
 m l y o b e r e s a q u e e r e s o s e p e r e r e h i l i t a t q u o s o l o q u e a b o r s
 s e r e h o n o n m l e p a n t o m o d m n o n t r e d e l a c a b i l i d e h e a l m
 d e l f e y d o n f e p e n o s e n a y p o r d i n t r o d e l o s f e a l e s p o s e r e s q
 p a e l l e s t o r e s q p o r s e r n o f i r e d o n o b a n q u i y n e r e s o d o y y
 v i s o m e n d o y p o n g o e n b i n c a b e n e l p u e b l o d e c o p a y m i q t e r e t e
 y e n u o b e y n e q u e f e c a s o y c o n s u n o a q u e s c a l o c o l y m o b e r i
 c o r t m a y a m a y e r e z a r i b a y m a s l o s f a r e s s e c o s o p u e b l o c o n s u o
 c a a q u e s c o n o c o n y a z o j c o n t o s o t l o s e n p r i m a p a l e s e y n d o s a
 e l l o s s u f e r o s y s i m u y n d i e s a y e l o s p u e b l o m a s s e s o y p o r c o m o
 d o c u a f r o m e n l i b e r y y m a s s e s o y y l o s o m e n d o e l p u e b l o c o l o
 c o m c o n s u n i a q u e e p o r e y e l p u e b l o y s p a t a l y r e a c o n s u n i a q u e
 t o z o n s y e l p u e b l o y n g e a b o d o c o t a n s u n i a q u e y e l p u e b l o y m a r
 z i g u a a c o n s u n i a a q u e s y p a n a p a l e s e y n d i e s a e l l o s n e l e o s
 q s o n u o s e l o s p r i e f e r o a d q u e s e y n d i e s e l o s l l a n o s q s o n s e l e n
 q u a s o p o r e s y n o m q u e s y i f a n e s m o y m o s m o d o y a b o e l s o s m i s
 m e r a n g y b o s o m e n d o e l p u e b l o d e z o y p e y i r e q u a m e s q u e s p n
 f o r d i l e e r a c o n e l c a a q u e s c u s p y b i r e o n u o s d i e s y n d i e s a q u e s
 y p r i m o p a l e s d e l s u f e r o s l o s q u a n d o s s o c a a q u e s e y n d i e s a e l l o s
 s u f e r o s y p e r t e n g e n t e s l o s p u e b l o s s e l e r i g e q u e l q u e s m a n e n
 e s p r e t e n t e s a b o s o y y q u e p a n d a p a n e q o s y r o y s e l l o s o n p e
 m e l a o s m d a n m i f e n d e s p o n t o m o q u e l o s s o q u e s y o s a n e
 y s t o s c o s a s d e m e a s a n t a f e s c a v l i c a y b u e n a p o b r i n l l e s
 d o l a s m u d e r a d a m e n t e e l q u e b i n o q b u e n a m e n t e p u d e r e n d a
 e a p a n t o m o q p o r m o p o r e p e r s o n a q t e n g a p o r e s e s u m o b o s

Anexo 1

Sem tãdasos q' conbas. Alongo lafealw nienin bounge. Iny sun
 buebas los ay y lo mendo y lamay madoan ont e q' tes que e y fã
 se sum q' l' neso q' se lo p' d' e se b' os q' que n' du p' o se e b' y e e s' e
 la p' o s' o' de los s' o' s' que b' los a' g' que s' e' y n' d' o' e' s' n' o' s' f' e' r' e' s' p' i
 p' o' n' e' r' o' l' l' o' e' s' f' u' l' a' n' i' d' e' l' a' u' n' a' e' g' m' a' / s' o' p' e' n' s' e' e' t' e' f' e' r' e' m' e' s' p' o' n' e' r'
 la m' a' n' o' e' s' u' m' e' y' p' u' e' n' s' e' s' e' q' u' o' m' i' d' o' l' a' f' o' o' t' o' y' m' e' q' u' i' e' q' u' e' r' e' a'
 a' q' u' e' e' p' u' e' b' l' o' s' e' a' l' i' s' t' o' / n' o' r' e' o' m' a' d' o' y' n' o' r' e' s' e' n' d' o' l' a' t' e' n' e' n' a' n'
 y' p' o' p' o' l' a' r' i' o' p' e' v' o' o' b' l' o' s' e' s' o' p' u' e' b' l' o' s' l' o' g' o' e' s' y' n' e' u' s' c' o' n' s' a' f' e'
 t' o' e' s' e' s' o' a' y' s' s' e' d' i' n' e' d' i' b' a' y' s' a' c' e' l' e' b' e' s' p' o' r' q' u' i' d' o' e' s' t' a' b' l' o'
 m' e' n' d' o' s' e' s' t' e' e' t' a' n' d' u' l' y' a' o' r' e' s' a' l' e' s' e' s' t' a' p' l' i' c' a' n' d' o' q' u' e' s' e' n' d'
 a' l' i' n' y' e' f' a' t' a' t' e' r' y' p' o' e' n' o' s' i' n' g' u' i' s' t' a' s' d' e' t' e' r' m' i' n' a' n' d' o' u' a' b' u' s' e' e' s' t'
 s' a' n' t' i' d' o' b' e' r' i' s' m' o' s' . U' n' p' r' i' n' c' i' p' a' l' l' l' a' m' i' d' o' i' s' t' r' a' n' y' p' e' s' e' l' o' n' e'
 b' l' o' e' a' t' i' n' i' g' u' e' / c' o' n' v' o' s' s' u' o' s' t' e' m' i' g' a' p' a' l' e' s' e' n' t' u' o' a' e' l' s' u' p' e' r' o' y' p' e' r'
 t' e' n' e' a' n' t' e' p' e' r' i' q' u' o' a' y' s' s' e' n' d' i' n' a' s' e' l' d' i' s' t' i' n' c' t' i' o' n' e' s' p' o' r' o' r' o' m' o'
 s' e' u' a' n' o' l' o' s' d' e' m' i' s' o' r' t' e' m' o' s' y' e' s' p' r' e' s' i' d' o' s' e' n' t' a' n' d' i' e' n' t' e' s' o'
 e' l' r' e' s' e' s' e' l' i' p' h' a' i' b' e' n' t' e' e' x' e' t' e' . d' i' n' o' / e' c' e' m' e' s' p' e' a' b' u' l'
 s' e' m' p' e' e' q' u' i' m' a' n' o' y' e' s' e' n' t' a' e' t' e' l' a' m' o' l' b' a' s' e' e' s' t' e' y' u' n' t' e' a' l' o' g' o'
 f' i' c' i' t' o' a' e' c' e' l' e' s' t' i' a' l' e' s' e' s' t' e' s' e' s' t' e' l' l' a' m' o' s' e' l' l' i' c' i' t' e' s' e' f' e' r' m' o' y' d' o' s' f' e' e' q' u' o' l' o' m' o' s' .

AMZP
 110750

D. C. Serran
 [Signature]

